

# AUTA DE SOUZA E A ESCRITA FEMININA NOS OITOCENTOS

Ana Laudelina Ferreira Gomes - UFRN

## RESUMO

Coloca-se em questão a receptividade da crítica para com a poeta norte-rio-grandense Auta de Souza (1876-1901), aludindo à situação discriminatória vivida pelas escritoras oitocentistas brasileiras, em função do domínio de um ideário de feminilidade estereotipado e sexista.

Palavras-chave: Auta de Souza - Poeta norte-rio-grandense - Biografia.

## RESUMÉ

On discute l'aptitude des commentateurs brésiliens par rapport à l'oeuvre littéraire de la poeta norte-rio-grandense Auta de Souza (1876-1901), em ce que concerne à une certaine image stéréotypée et sexiste des femmes depuis le XIX siècle.

Mots clés: Auta de Souza - Poeta norte-rio-grandense - Biographie.

## INTRODUÇÃO

Na cultura oitocentista ocidental, a escrita feminina representava uma transgressão ao papel social atribuído às mulheres. No Brasil da época, muito mais. Mas não há indicadores concretos de que a poeta norte-rio-grandense Auta de Souza tenha sido qualificada por seus comentadores como uma transgressora. Por isso, faz sentido colocar-se em questão a receptividade da crítica para com a escritora, uma vez que algo na leitura de sua vida, de sua obra, ou em ambas, remete a uma normalização por parte da cultura. É neste quadro geral que se insere o objeto do presente artigo.<sup>1</sup>

Voltemos o olhar, então, para sua vida. A condição de única menina em meio a quatro irmãos meninos; a orfandade desde a mais tenra infância; o fato de ter sido criada pela avó viúva e analfabeta; o choque sofrido, quando ainda menina, pela morte do irmão Irineu de Souza, cujo corpo ela viu queimar-se no acidente em que ele perdeu a vida; o tormento da tuberculose a perturbar-lhe o sossego desde os quatorze anos - tudo isso, associado aos cuidados intensivos de todos à sua volta e à provável tutela dos irmãos, terá ajudado a construir uma representação específica de moça devota e resignada que se tornou poeta conhecida em seu meio.

Considerando tratar-se de uma moça nascida e criada no final do século XIX, é compreensível que Auta de Souza, através de temas associados ao cotidiano feminino, tenha feito ecoar em sua poesia um mundo em que viveram mergulhadas mulheres de sua época. Talvez tenham sido estas suas maiores admiradoras. Uma particularidade a mais da poesia de Auta de Souza revelou-se na ressonância que tiveram poemas seus que foram musicados por compositores regionais e que alcançaram repercussão nacional e internacional, ao longo deste século. Serestas, modinhas, cantigas de ninar, hinos litúrgicos que fizeram cantar as almas de homens, mulheres e crianças.<sup>2</sup>

A base da formação educacional de Auta de Souza, na família, no internato de freiras vicentinas, ou no convívio social, foi a doutrinação moral e religiosa de orientação católica. Também por isso brilhou mesmo entre a considerada "crítica católica" nacional, tendo seus escritos contado com a apreciação de expressivos comentadores

<sup>1</sup> Este texto sintetiza um dos capítulos de minha tese de doutorado (Gomes, 2000).

<sup>2</sup> Referências bibliográficas e documentais acerca deste cancionário podem ser encontradas na tese citada, tanto no corpo do texto como nos anexos VII e VIII. Para conhecer o registro escrito destas músicas, consultar Galvão (2000).



como Jackson de Figueiredo, Alceu Amoroso Lima e Nestor Victor. Estes e outros comentaristas viram em sua vida um exemplo a ser seguido, espécie de hagiografia, e, em sua obra, a expressão tácita de um modelo de caráter cristão.

Mas a consulta a textos dos principais comentaristas de Auta de Souza, ao longo de quase um século, leva a dizer que seus conteúdos valorizam principalmente características pessoais e de conduta da poeta, o que remete à discussão de um ideário de feminilidade associado ao estereótipo do anjo do lar, matriz de um discurso sobre a mulher que, no limite, inviabilizava o reconhecimento da escrita feminina, até então sem tradição consolidada.

Em seus estudos sobre escritoras brasileiras do século XIX, Norma Telles verificou que a escritora configurava-se como a negação do anjo porque a mulher ideal sonhada pelos autores homens era sempre um anjo.<sup>3</sup> Assim, no final dos Oitocentos, justamente quando Auta de Souza começou a escrever, ainda persistia na cultura ocidental a noção de que a mulher autora, escritora, era coisa vergonhosa:

... as escritoras eram vistas como raridades, espécimes diferentes, secundárias, menores. Se alguma se recusasse ser modesta, recusasse apresentar sua produção como passatempo para divertir o leitor ela podia esperar críticas ou até mesmo ser ignorada. Se tocavam em assuntos de emancipação da mulher ou políticos, como Narcisca Amália, Ana de Barandas e Délia eram quase apedrejadas.<sup>4</sup>

Talvez justamente por receio ou em conformidade com o viés da crítica, Auta de Souza mostrou-se modesta na dedicatória de seu livro *Horto*, qualificando seus versos como *singelos*: “Às boas irmãs do Colégio da Estância, em Pernambuco, algumas formosas e santas que me educaram o coração e o espírito, ofereço o que há de mais puro nestes singelos versos”.<sup>5</sup>

Para compreender o atributo conferido pela poeta a seus versos, é preciso ter em conta que, no

século em que viveu, a aceitação da mulher escritora circunscrevia-se a dimensões bem limitadas. A receptividade acontecia somente para aquelas obras cujas temáticas não contribuíssem, no plano das idéias, para desestabilizar o domínio patriarcal vigente ou, no mínimo, não se opusessem a ele, já que “a literatura que promovia a ‘voz das mulheres’ era rejeitada, sob interdições e sarcasmos”.<sup>6</sup> O acolhimento só existia para aquele tipo de literatura considerada ‘de ilusão’, de ‘evasão’.

E, neste sentido, pode-se verificar que tanto as construções biográficas sobre Auta de Souza quanto a grande maioria das interpretações feitas acerca de sua obra, bem poderiam predispor-se ou adequarem-se a tais concepções.

Veja-se como se refere à poeta um dos jornais de que foi colaboradora: De “... puro e delicado espírito, adorada pela família como o anjo do lar, e querida por toda a população...”.<sup>7</sup>

Comentário semelhante foi emitido numa das revistas para a qual ela também colaborava: “... soube legar-nos o exemplo de amor e de virtude (...) No lar, Auta foi um anjo consolador...”.<sup>8</sup>

O modelo burguês de mulher educada, que alcançava um restrito âmbito de ação, pois que se voltava para mero polimento sócio-cultural, acabou contribuindo para a inserção da figura da mulher escritora no mundo do trabalho, em face do aumento de demanda de leitura para o segmento feminino.

Na Europa, desde o século XVIII, e no Brasil, desde o XIX, mulheres letradas passaram a se ocupar com traduções e romances, gênero literário muito corrente entre as mulheres oitocentistas. Apesar disso, tal era o preconceito com a escrita feminina que muitas escritoras escreveram no anonimato ou usando o nome do marido.<sup>9</sup>

O uso de pseudônimos ou da designação “a autora” era muito comum em jornais femininos e periódicos oitocentistas.<sup>10</sup> Auta de Souza

<sup>3</sup> Telles, 1987, p. 72.

<sup>4</sup> Ibidem, p. 262. Sobre estas escritoras citadas, é interessante consultar a antologia organizada por Muzart (1999a), bem como o *Dicionário Mulheres do Brasil* (Schumacher, 2000).

<sup>5</sup> Souza, A., 1970, p. 7. O colégio a que a poeta faz referência é o São Vicente de Paulo, localizado no bairro da Estância, no Recife.

<sup>6</sup> Hoock-Demarle, 1991, p. 191.

<sup>7</sup> A República, 1901. O destaque em itálico é meu. Todos os textos de comentaristas aqui citados tiveram o português atualizado.

<sup>8</sup> Lemos Filho, 1901. Grifo meu.

<sup>9</sup> Hoock-Demarle, op. cit.

<sup>10</sup> Bernardes, 1999, p. 30. Este texto traz o caso de uma escritora anônima.



usou dois pseudônimos: Ida Salúcio e Hilário das Neves.

No caso do anonimato, há indícios de que seria uma espécie de reação quanto à pressão exercida sobre a mulher, no sentido de intimidá-la quanto a uma possível manifestação pública.<sup>11</sup>

E as pressões não seriam outras senão aquelas projetadas pelo ideário de feminilidade associado ao estereótipo do anjo do lar.

Houve quem atribuisse as virtudes do anjo do lar - entre elas, a modéstia, graça, pureza, reticência, castidade, afabilidade, polidez, cortesia, obediência<sup>12</sup> - a Auta de Souza, como um comentador de sua época, que não deixou de explicitar o quanto a moça lhe atraía por isso:

*... Alma afetiva que se expandia no amor e no carinho pelas criancinhas, (...) admirava-a na sua modéstia, na sua tristeza e na sua resignação evangélica. (...) em presença de tão elevado espírito, sentia uma fascinação irresistível.*<sup>13</sup>

Auta de Souza, como outras escritoras brasileiras suas contemporâneas, teve que se confrontar com este tipo de projeções, como esta outra de um dos grêmios literários que integrava: "... Santa e adorável criatura. [Exemplo] de Amor e de Virtude".<sup>14</sup>

Ou estas que seguem, de um dos jornais em que a poeta também colaborava: foi uma existência que marcou fundamental e indelevelmente nos corações e nas almas dos que a conheceram, possuindo altos dotes morais e nobilíssimas qualidades afetivas. Era ela, a formosa alma infantil.<sup>15</sup> "*Alma feita de amor, luz e sinceridade (...), [era] sublime [e] adorada*".<sup>16</sup> Tinha um coração angélico.<sup>17</sup>

Ao comparar-se o tratamento dado pelos comentadores a Auta de Souza com o dispensado a uma sua conterrânea, a escritora e educadora feminista Nísia Floresta (1810-1875), percebe-se

o quanto estavam imbuídos de concepções de viés sexista.

Auta de Souza aparece associada ao anjo do lar. Nísia Floresta ao outro lado do anjo, o lado do monstro feminino<sup>18</sup>, como nos indica comentários de uma sua estudiosa da atualidade:

*... Nísia foi vítima da difamação e do esquecimento, principalmente da parte de seus conterrâneos. Sua figura foi envolvida por um manto de mistério em sua terra natal e durante algumas dezenas de anos não se ouviu falar dela. O pouco que se ouvia estava marcado pelo preconceito, ou impregnado da surpresa de encontrar, em tempos passados, uma história de vida como a sua e uma obra de reflexões tão avançadas para a época. O fato de estar à frente de seu tempo custou-lhe, com certeza, o não reconhecimento de seu talento. Seu nome até hoje não costuma ser citado na Literatura Brasileira como escritora romântica e muito menos na história da educação feminina, como educadora.*<sup>19</sup>

Uma das cartas da escritora e educadora Isabel Gondim (1839-1933), conterrânea de Auta de Souza e Nísia Floresta, e contemporânea desta última, é, neste sentido, bastante elucidativa. Nela, foi explicitada a compreensão de sua autora sobre o que entendia ser a nefasta influência de Nísia Floresta no Estado: "...devo a bem da verdade dizer que a história dessa mulher é de tal modo indecorosa que seria conveniente ficar sepultada entre nós e jamais transpor as raias do Rio Grande do Norte, nossa tão prezada terra natal".<sup>20</sup>

Esta posição de Isabel Gondim ilustra muito bem o modelo associativo impingido às mulheres que pretendessem fazer uso público da pena. Afinal, "*esperava-se das mulheres que escrevessem livros exaltando os valores culturais. Esperava-se que seus textos fossem graciosos e gentis*".<sup>21</sup>

Apesar de Nísia Floresta já ter seu nome conhecido no Rio Grande do Norte, desde pelo

<sup>11</sup> Ibidem.

<sup>12</sup> Telles, op. cit., p. 74.

<sup>13</sup> Pinto, 1901.

<sup>14</sup> Revista do Grêmio Polymathico, 1901. Sobre algumas escritoras oitocentistas que receberam semelhantes projeções. Ver Telles, 1987.

<sup>15</sup> Avelino, 1901. O texto aparece aqui parafraseado.

<sup>16</sup> Gazeta do Commercio, 1902.

<sup>17</sup> A República, 1902.

<sup>18</sup> Sobre o monstro feminino em contraponto ao anjo do lar. Consultar Telles, op. cit., p. 75. Em linhas gerais, o monstro feminino é vinculado ao mito de Lilith (Cf. Sicuteri, 1985).

<sup>19</sup> Duarte, 1999, p. 176.

<sup>20</sup> Apud Duarte, 1995, p. 60.

<sup>21</sup> Telles, op. cit., p. 45.



menos 1862, não conseguiu o mesmo prestígio que Auta de Souza nos meios intelectuais.

Para denegrir a imagem de Nísia Floresta, ao lado das acusações de leviandade e prática de adultério, Isabel Gondim fez alusão também à mestiçagem da escritora.<sup>22</sup> Quanto à Auta de Souza, raro é um texto que sequer fale abertamente que se trata de uma escritora negra.

Certamente Auta de Souza foi uma privilegiada em função de sua inserção social numa elite intelectual local, o que, entre outras coisas, poderia operar até um certo “branqueamento” de sua figura pública. Mas, outras mulheres também de elite, e na maioria brancas, não fizeram uso da pena. A escritora soube aproveitar as oportunidades de sua história pessoal e publicou seus escritos, fazendo-se conhecer também por sua produção poética.

Não era fácil tornar-se escritora nos Oitocentos, quase sempre exigia leitura e escrita escondidas, em lugares e situações pouco apropriadas à concentração e à criação. Já deste nosso século, a escritora Lígia Fagundes Telles faz alusão aos cadernos da ‘mulher-goiabada’, onde, entre uma receita e um orçamento doméstico, apareciam algumas notações pessoais<sup>23</sup>, talvez misturadas às manchas de açúcar derretido e goiaba. Virgínia Woolf fala da necessidade de toda intelectual, de ‘um teto todo seu’, longe do barulho e das demandas de toda ordem a que a mulher anjo do lar tinha que estar sempre pronta a satisfazer.<sup>24</sup>

Para tornar-se uma escritora não bastava a educação, o acesso aos livros, às oportunidades de publicação. Algo mais subjetivo - próprio da situação das mulheres da época - era um dos maiores obstáculos a enfrentar. Para poderem escrever, tinham, antes de tudo, que expurgar o anjo do lar:

*A vocação [para a escrita] requeria muita energia, força de vontade e uma genuína transcendência do gênero feminino. As mulheres na época não estavam acostumadas, nem haviam sido*

*preparadas para escolher sua vocação, pois a feminilidade elaborada através das representações era a única vocação que parecia lhes convir. (...) para a mulher, trabalho significava trabalhar para os outros, auto-sacrificar-se e passar despercebida. Portanto, trabalho no sentido de auto-desenvolvimento, de auto-definição, de prazer intelectual era algo que estava muito distante de seus horizontes e que entrava em conflito com a subordinação e repressão inerentes ao que se considerava ser feminino, ao ideal do anjo.<sup>25</sup>*

Nem todas as escritoras que tiveram condições de publicar seus escritos obtiveram o mesmo prestígio que Auta de Souza. Para a compreensão do olhar de seus comentadores, este é um ponto significativo a ser considerado. O que os levou a prestigiá-la, apesar do preconceito em relação à escrita feminina? Exatamente em que relevaram sua obra?

Veja-se que esta pergunta, em relação ao estudo da figura de Auta de Souza e da constelação de fatores que construíram representações sobre a poeta, é bastante diferenciada em relação àquelas colocadas a outras escritoras oitocentistas. Afinal, Auta de Souza, diferentemente da maioria das escritoras de sua época, não pode ser compreendida como uma poeta esquecida, uma vez que está mesmo entre as mais lembradas dos Oitocentos.<sup>26</sup> O que se questiona, aqui, sobre ela são, portanto, o modo pelo qual foi lembrada e os elementos condicionantes desse modo de ser lembrada.

A título de ilustração, entre as escritoras que não teriam um merecido e devido reconhecimento, encontram-se a baiana Joaquina Meneses de Lacerda e a paranaense Júlia da Costa.

Joaquina de Lacerda era filha de barões, casada com um comendador e irmã de um médico que teve publicados vários livros de sua especialidade. Apesar de suas origens nobres, parece que sua ousadia em escrever sobre assuntos políticos custou-lhe o esquecimento, uma vez que há poucas informações sobre ela e sua obra editada.<sup>27</sup>

<sup>22</sup> Cf. texto “Notícia de sua individualidade”, de 1884, citado por Duarte, 1995, p. 59.

<sup>23</sup> Cf. Telles, L. F., 1997, p. 59.

<sup>24</sup> Cf. Woolf, 1985.

<sup>25</sup> Telles, 1987, p. 265.

<sup>26</sup> Sobre a fortuna crítica de Auta de Souza, vale consultar o estudo sistemático de Leão (1986), onde encontra-se uma defesa desta posição.

<sup>27</sup> Cf. Muzart, 1999b, p. 376-7.



Por sua vez, Júlia da Costa teria se casado por conveniência e imposição familiar com um comendador português, comandante da Guarda Nacional e Chefe do Partido Conservador, homem rico e trinta anos mais velho que a poeta. É tida como uma figura controvertida, audaciosa e à frente de seu tempo. Colaborou em revistas e jornais de Joinville, São Francisco do Sul, Paranaguá, Curitiba, Desterro (Florianópolis). Publicou dois livros de poemas, participou de campanhas políticas e teve contato com muitos políticos e homens notáveis que passavam por São Francisco do Sul, recebidos na residência do casal em festividades que organizavam para tal fim. Sobre estas, escreveu muitas crônicas sociais. Apesar de participar da galeria das primeiras mulheres brasileiras a publicar livros, e estar sendo considerada a mais interessante poeta das letras catarinenses de seu tempo, sua produção ficou fora do cânone literário, e, mesmo assim, foi pouco estudada em comparação a outras escritoras de seu tempo.<sup>28</sup>

Das escritoras brasileiras oitocentistas, Joaquina de Lacerda e Júlia da Costa, entre outras, não foram devidamente reconhecidas. Já Nísia Floresta e Narcisa Amália foram explicitamente rechaçadas.

O rechaço aconteceu também com estrangeiras, como foi o caso da escritora feminista inglesa Mary Woolstonecraft (1759-1797), debochadamente chamada de “hiena de anáguas”, já nos Setecentos.<sup>29</sup>

Algo bem mais importante associa o nome das duas escritoras de terras tão distantes, mas estigmatizadas pelo preconceito sexual. Nísia Floresta, em seu primeiro livro, *Direitos das mulheres e Injustiça dos Homens*<sup>30</sup>, publicado no Recife em 1832, foi inspirada em *A Vindication of the Rights of Woman*<sup>31</sup>, de Mary Wollstonecraft.

Nísia Floresta não teria feito simplesmente uma tradução, mas “completado” o texto, apontando “... os principais preconceitos existentes na sociedade brasileira contra seu sexo [identificando] as causas desse preconceito, ao mesmo tempo em que desmitifica a idéia dominante da superioridade masculina”.<sup>32</sup>

A jornalista e poeta Narcisa Amália (1852-1924) escreveu *Nebulosas*, seu único livro, publicado em 1872, que alcançou grande repercussão nos meios literários da época. Apesar de o livro ter sido bem recebido por Sílvio Romero e elogiado por Machado de Assis, a poeta foi acusada de não ser a verdadeira autora, sendo atribuída a autoria a um poeta desconhecido que teria consentido em tal feito. Mais tarde, a infâmia foi desfeita por um minucioso estudo de sua obra.<sup>33</sup>

Como se não bastasse, como aconteceu com Nísia Floresta, Narcisa Amália foi “apontada como um monstro sem pudor por sua vida pessoal”.<sup>34</sup>

Auta de Souza, pelo contrário, recebeu louros dos conterrâneos, como se observa nestas passagens de comentadores seus:

“... respeitada por todos aqueles que se servem de uma pena no Rio Grande do Norte, [Auta] é a glória mais pura e mais duradoura desta terra”.<sup>35</sup>

“Criadora de verdadeiro apreço geral e aplauso dos que a conheceram. (...) membro nobilíssimo da sociedade que ela enriquecia com os seus privilegiados dons, e da família cristã, em cujo seio era de insigne benemerência”.<sup>36</sup>

“[Hoje resta-nos o nome de Auta] para a glorificação literária do nosso Estado ...”<sup>37</sup>

“Pagou o seu tributo à imortalidade, o que se acentua em nosso país”.<sup>38</sup>

“Oremos diante desse túmulo que guarda a sagrada relíquia da glória mais pura de nossa terra”.<sup>39</sup>

<sup>28</sup> Idem, 1999c, p. 401-8.

<sup>29</sup> Cf. Telles, 1987, p. 89.

<sup>30</sup> O livro trata dos “... direitos das mulheres à instrução e ao trabalho [...] exigindo que as mulheres fossem consideradas seres inteligentes e merecedoras de respeito pela sociedade” (Duarte, 1997, p. xii)

<sup>31</sup> Publicado em 1792, tratando-se de “... um pronunciamento contra a exclusão política das mulheres na Revolução Francesa” e inspirando futuras gerações de feministas. (Sledziewski, 1994, p. 52). *A Vindication* é considerado uma categoria de livro que fornece a muitas mulheres novos modelos de identidade. (Perrot, 1994, p. 526).

<sup>32</sup> Duarte, 1997, p. xii.

<sup>33</sup> Paixão, 1999, p. 534-6.

<sup>34</sup> Telles, 1987, p. 256.

<sup>35</sup> A República, 1901.

<sup>36</sup> O Oito de Setembro, 1901.

<sup>37</sup> Lemos Filho, 1901.

<sup>38</sup> Fernandes, 1901

<sup>39</sup> Nascimento, 1901.



*“Faltou-lhe talvez uma consagração mais estrondosa, uma fama mais extensa; porém isto não foi devido à mingua de merecimentos próprios, e sim talvez à circunstância de ser uma poetisa do – Rio Grande do Norte – pobre e generosa terra para quem são guardadas todas as injustiças”.*<sup>40</sup>

*“A morte não ceifou-lhe a existência – eternizou-lhe, transpassando-a para o templo da Imortalidade!”*<sup>41</sup>

*“... apagou-se para a Terra, a fim de renascer para a Imortalidade...”*<sup>42</sup>

Todas estas menções honrosas a Auta de Souza parecem dizer menos dela do que acerca de uma domesticação e integração de sua figura ao ideário de feminilidade associada ao estereótipo do anjo do lar.

Mas considerando o que já foi dito, quanto à escritora oitocentista colocar-se como a própria negação deste ideário, a pergunta que passou a orientar este estudo não pôde ser outra senão: como pôde isso acontecer com a poeta?

Alguns comentadores seus fizeram questão de salientar que a poeta se “desviara” da orientação das letras femininas de sua época.<sup>43</sup> No entanto, diferentemente do que era comum acontecer, o referido desvio não foi interpretado como algo pejorativo. Uma das possíveis explicações para este apreço da crítica estaria no fato de esta não aceitar somente aqueles desvios que sugerissem ideais de emancipação feminina, o que jamais foi questionado em relação à poesia de Auta de Souza.

Ao lado de todos os qualificativos biográficos que lhe foram atribuídos, calcados no ideário do anjo do lar, sua obra também sofreu esta mesma mitificação.

Sob a pena de grande parte de seus comentadores, sua vida e obra fundiram-se e confundiram-se, projetando-se num mundo povoado

de anjos, embebido da santidade ... Auta de Souza se descolou da humanidade e passou a integrar o rol das figuras de uma veneração religiosa.

De modo complementar, desde a década de trinta, fiéis do espiritismo kardecista, consideram Auta de Souza uma mentora e protetora espiritual de muitas de suas instituições e obras de caridade, que, enquanto “espírito desencarnado”, ditaria mensagens psicografadas por médiuns de diferentes regiões do país. Evidentemente, não se trata aqui de questionar crenças religiosas, mas de problematizar saberes de modo a entender melhor o movimento das idéias e práticas culturais em torno da receptividade da crítica para com a poeta, em meio a uma situação de segregação e preconceito social em relação à escrita feminina.

Com isso em vista, nova pergunta apareceu no horizonte de reflexões: que força de coesão colocou e manteve até hoje a figura de Auta de Souza numa dimensão sacralizada?

Antes de procurar respondê-la, veja-se alguns dos primeiros comentários que ilustram um pouco esta caracterização:

*[Auta de Souza] foi a vida de uma flor que murchou prematuramente. Flor que deixou em nossa alma a inextinguível impregnação de seu perfume suavíssimo e doce. De bondade infinita, candura angelical, cristalina pureza e resignação estoica, carregava na alma as mais afetuosas e santas virtudes.*<sup>44</sup>

*Moça inocente, tendo na alma em flor um mundo virgem de crenças sagradas e ensinando-nos, na resignação heróica que manteve durante o seu prolongado martírio, a eficácia da Fé na gloriosa transformação de Além-túmulo.*<sup>45</sup>

Pode-se supor que, por um lado, a tuberculose limitou a poeta em termos de tempo e disposição para a produção intelectual. Por outro lado, a doença muito provavelmente a desobrigou de tarefas domésticas, e mesmo da administração destas. Além disso, sua condição de doente, exigente de muitos e exaustivos cuidados, a manteve numa situação des-

<sup>40</sup> G, 1901. Curiosamente, é provável que a autoria deste texto assinado apenas com as iniciais U. G. seja de uma mulher. Suponho tratar-se da contista, poeta, tradutora e cronista pernambucana Úrsula Garcia, redatora e colaboradora de *O Lyrio*, uma das pioneiras da imprensa feminina pernambucana. Sobre sua obra, consultar Siqueira et al., 1995, p. 183.

<sup>41</sup> Viveiros, 1901.

<sup>42</sup> A República, 1902.

<sup>43</sup> Entre os principais deles, Figueiredo (1924, p. 12-3).

<sup>44</sup> Nascimento, op. cit.

<sup>45</sup> Soares, 1901.



favorável para sua independência intelectual, uma vez que permanecia tutelada pelos irmãos.<sup>46</sup>

Luís da Câmara Cascudo, no livro biográfico *Vida breve de Auta de Souza (1876-1901)* de 1961, escreveu que a efetivação do casamento de Auta de Souza não contou com o apoio dos irmãos devido tanto à precária situação de saúde da moça quanto ao fato do pretendente não contar com a confiança deles, argumento bastante elucidativo da tutela a que se fez alusão anteriormente.

Se o ideário de feminilidade da época esperava que todas as mulheres se conformassem ao papel de mães e esposas, para Auta de Souza isso não podia ser válido. Seja pela tuberculose, seja por ingerência dos irmãos, ou qualquer outro motivo, a poeta não se casou. Morreu cedo, antes dos vinte e cinco anos, mas, naquela época, uma moça desta idade já deveria estar casada há anos e ser mãe de muitos filhos, como ocorreu com Henriqueta Leopoldina Rodrigues de Souza, mãe da poeta.

Dos três irmãos que lhe restaram na mocidade, dois eram homens de livros, Henrique Castriciano e Eloy de Souza, e participaram ativamente da vida pública do Estado. Pelo que consta na biografia escrita por Cascudo, a poeta tinha estreito relacionamento com eles, e, ao que tudo indica, Henrique Castriciano seria um seu interlocutor intelectual. O manuscrito do livro *Horto*, por exemplo, foi revisado por Arthur Pinto da Rocha, crítico gaúcho amigo de Eloy. O prefácio, que o *Horto* recebeu de Olavo Bilac contou com a intermediação de Henrique Castriciano, com quem mantinha relações.<sup>47</sup>

Portanto, a vivência entre irmãos, que embora muito jovens já gozavam de prestígio intelectual e político no Estado, facilitou a publicação de poemas seus numa imprensa de difícil acesso à mulher. Este jogo de relações de modo algum desmerece a relevância e méritos de sua obra, mas, como já falado, tratou-se de uma sorte de oportunidades que a poeta soube aproveitar. Fez sua parte. Além de encaminhar poemas para publicação e manter organizada sua produção nos manus-

critos *Dhálías* e *Horto*, colaborou em cinco dos 38 órgãos de imprensa existentes no Rio Grande do Norte da época. Publicou em *A República*, *Oásis*, *A Tribuna*, *Revista do Rio Grande do Norte* e *Oito de Setembro*; destes cinco, os quatro primeiros eram os maiores do Estado.<sup>48</sup>

Apesar da ampla divulgação de seus poemas na imprensa local, o perfil público de Auta de Souza que prevaleceu se restringiu àquele associado à figura de moça doente, caridosa, resignada, amorosa, boa filha e irmã, mártir de fé inabalável, cristalizando projeções que afastavam do cenário da crítica o que, em tese, deveria se constituir no principal objeto de reflexão: sua criação. Sem desprezar a relação necessária entre vida e obra, certamente uma não se explica pela outra. Como bem coloca Octávio Paz, este algo que está na obra e não está na vida do autor é precisamente a criação ou invenção artística e literária.<sup>49</sup>

E se Auta de Souza tivesse vivido mais tempo? E se seus escritos tomassem outro rumo? Será que seu único livro *Horto* continuaria recebendo o mesmo prestígio que teve entre os comentadores?

Claro que esta é uma pergunta sem resposta. Mas com ela, procura-se enfatizar o quanto alguns aspectos específicos da biografia da escritora levaram os comentadores a uma dada compreensão de sua obra. O problema, parece, não está nesta ou naquela perspectiva, mas numa compreensão fechada, que não permita outras possibilidades interpretativas. E, neste sentido, é que a biografia por vezes pode se colocar como um entrave, mas a obra poética é uma linguagem aberta por excelência e resguarda por isso mesmo sua polissemia.

Se o ideário de feminilidade oitocentista afirmava que a realização da mulher se dava somente pelo casamento e pela maternidade, se esta realização estava no sacrifício que a mulher deveria fazer para o bom desempenho destes papéis, e se era isso mesmo que a conduziria à santidade, a escrita feminina estava fora destas prescrições.

<sup>46</sup> Auta de Souza soube-se tuberculosa aos quatorze anos de idade, quando ainda freqüentava o colégio no Recife (Cascudo, 1961; Souza, 1975).

<sup>47</sup> Cascudo, *ibidem*; Souza, *ibidem*.

<sup>48</sup> A informação sobre esta imprensa foi sistematizada a partir da leitura do livro de Fernandes (1998). A consulta aos manuscritos da escritora só pôde ser realizada graças à sensibilidade de Noilde Ramalho, diretora da Escola Doméstica de Natal.

<sup>49</sup> Paz, 1994.



Por isso mesmo, Auta de Souza esteve fora deste circuito, tornou-se conhecida por sua vida trágica e por sua poesia tida como essencialmente religiosa (mística, católica, cristã).<sup>50</sup>

Apesar da notoriedade de sua vida, enquanto escritora que publicava em jornais e revistas, comentadores, seus contemporâneos, continuaram reservando para ela o mundo da domesticidade, inclusive, vez ou outra aludindo a seus predicados domésticos.

Em muitos outros textos de comentadores seus, verifica-se a convicção de que, apesar de a poeta não ter vivenciado o papel de esposa e mãe, não se furtava ao exercício das prescrições sociais quanto a saber dosar práticas domésticas e devocionais. Então, faz sentido pensar nisso como uma “*garantia ética do valor social feminino*” naquela época.<sup>51</sup> É o que se observa nesta passagem: “*católica de conduta exemplaríssima, soube aliar os labores literários com a sólida piedade. Foi o modelo perfeito de caráter cristão*”.<sup>52</sup>

A cultura católica oitocentista valorizava o papel materno, e teve na maternidade da Virgem o espurgo do pecado de Eva, erigindo a pureza de Maria como um modelo de identificação para as jovens. Na Europa, já na segunda metade do século XIX, havia uma alteração no tipo de controle da “honra feminina”: por exemplo, a segregação, entre os sexos, usada como uma forma de controlar a “pureza feminina”. A Igreja temia os encontros sociais mistos que punham em risco a virgindade feminina.<sup>53</sup>

Quando Auta de Souza estudou no colégio de vicentinas francesas (1888-1889), lá vigorava esta segregação. Com base na biografia escrita por Câmara Cascudo, não parece que a poeta tenha sofrido este tipo de controle de forma tão acentu-

ada. Afinal, além das moças, convivia com rapazes, colegas de assustados, companheiros de colaboração em jornais e revistas literárias, além dos amigos dos irmãos.<sup>54</sup>

Apesar disso, o que permaneceu na mente da maior parte dos comentadores, principalmente de seus contemporâneos, foi aquele ideal de pureza feminina, alheia a estes estímulos, como encontrado num texto de Antônio Marinho. Para este comentador, Auta de Souza era “*uma cândida menina de 25 anos*”, que vivia para o afeto e para o sofrimento no regaço amigo da família; uma meiga criatura, santificada pelo martírio, presa à realidade da dor pela fatalidade da vida. Por igual fatalidade transformara-se agora no “tipo ideal”, tipo inatingível, que se haveria de perpetuar na memória das gerações futuras.<sup>55</sup>

É muito significativo chamarem de menina a uma mulher. Como salienta o estudo clássico de Maria Tereza Caiuby Bernardes, os principais romances brasileiros oitocentistas indicam que, naquela época, uma moça de 25 anos já era socialmente considerada madura.<sup>56</sup>

Se o anjo do lar que Auta de Souza representava não era aquele associado aos papéis de esposa e mãe, qual seria? Não parece sem razão pensar que representava uma espécie de anjo da morte ou anjo místico, que, de maneira distinta, continuava a manter um ideário de feminilidade que exaltava a passividade da mulher e sua tutela por pais, maridos ou irmãos homens.

Um indicador disso aparece na iconografia e na literatura do século XIX, espaços onde “... o anjo do lar estará sempre tremendo, não só de medo, mas com as enfermidades ou com a proximidade da morte”.<sup>57</sup> A relação estabelecida aqui entre a morte e o misticismo tem vinculação com o fato de, no caso de algumas místicas, o êxtase as aproximar de experiências limiares, em especial, da morte.<sup>58</sup>

Talvez este tenha sido o principal motivo pelo qual Auta de Souza pôde se afirmar como escritora

<sup>50</sup> A controversa entre boa parte dos comentadores da poeta acerca de seu pretensão misticismo pode ser conhecida através da leitura do capítulo “Comentando comentadores” de minha tese de doutorado (Gomes, 2000). Entre os mais expressivos, Jackson de Figueiredo, Alceu Amoroso Lima, Olavo Bilac, Luís da Câmara Cascudo, Nestor Victor e o próprio irmão de Auta de Souza, o também poeta e pensador da cultura Henrique Castriciano de Souza.

<sup>51</sup> Quem coloca a questão nestes termos é Giorgio, 1994, p. 228.

<sup>52</sup> O Oito de Setembro, 1901.

<sup>53</sup> Giorgio, op. cit.

<sup>54</sup> Cascudo, op. cit.

<sup>55</sup> Marinho, 1901.

<sup>56</sup> Cf. Bernardes, 1988.

<sup>57</sup> Telles, 1987, p.256

<sup>58</sup> Gonçalves, 1999.



sem desgastar sua imagem pública. Tratava-se de uma poeta querida tanto nos meios letrados como iletrados, e, por isso mesmo, precisava de uma resignificação que desse conta de apagar a tonalidade de transgressão que a atividade literária feminina representava na cultura oitocentista.

O pretensu caráter místico atribuído a sua conduta e a sua obra contribuiu fortemente para operar esta resignificação, já que o culto ao anjo da morte implicava que materializasse o ideário feminino da época, não mais pelo exercício do casamento e da maternidade, mas fazendo-se mediadora entre o homem e as esferas superiores.<sup>59</sup> Assim, a representação de mística servia para tal fim sem alterar substancialmente os conteúdos daquele ideário.

Curiosamente, tanto para místicas do medievo quanto para Auta de Souza, a aceitação do uso da pena, por parte da cultura, estaria associada à idéia de que uma palavra sagrada se fazia presente por intermédio de seus escritos. A passagem do anjo do lar para o anjo místico se daria por conta de uma linguagem própria destas mulheres, reivindicada como linguagem de revelação, profética por excelência, acontecendo na forma de um testemunho daquela que se autodesigna escolhida por Deus, para falar em seu nome.

As místicas, ao se constituírem em narradoras que participam diretamente dos fatos narrados, dão um relato cuja natureza testemunhal leva a narradora a um compromisso, a uma missão com a palavra; este seria o caráter de seu relato de testemunho.<sup>60</sup> O testemunho de união com Deus reposicionaria o lugar da autoria feminina, de uma fala de amor, mesmo que este lugar não seja outro senão o próprio lugar atribuído pela cultura às mulheres no discurso amoroso romântico, no sentido daquele ideal de mulher que “*ajoelha, vive, sofre, morre pelo homem amado*”.<sup>61</sup>

Essa missão para com a palavra daria outro caráter à narrativa destas mulheres, não mais

a de um discurso de alteridade lhes impingido e internalizado passivamente, mas um discurso que conta com a adesão íntima delas. E, neste sentido, este discurso não estaria simplesmente cifrado pela cultura, mas dinamizado por um onirismo ativo, prenhe de novas significações.

Não fosse assim, que outro perigo as místicas representariam para os confessores, diretores de espírito, teólogos e sábios, para que tantas vezes fizessem uso do artifício da censura e adulteração de escritos delas? Se o que diziam, em parte, confirmava o subjugo feminino, o fato de reivindicarem uma comunicação com Deus, sem a mediação sacerdotal, não seria de todo preocupante. Muito provavelmente, a Igreja percebia que a palavra das místicas se fazia ato na medida em que, através dela, a mulher passava a se outorgar uma posição de sujeito ativo, mesmo que numa relação de passividade em relação a Deus, mas, quanto a isso, mesmo para o místico do sexo masculino não seria diferente.

Há quem sustente que, nos escritos de muitas místicas, existem indicações de uma consciência de estarem cometendo uma infração, uma audácia, ou uma timidez relacionada à idéia de incapacidade feminina para a escrita.<sup>62</sup> Ao prestarem o testemunho de sua comunicação direta com Deus, a certeza de estarem cumprindo uma missão talvez tenha sido o grande impulso para que estas mulheres pudessem vencer a insegurança e timidez ligada à escrita feminina numa cultura em que isso era um tabu.

E, para o desagrado do poder patriarcal, a escrita das místicas, diferentemente da maternidade ou do papel de esposa atribuídos ao anjo do lar, tornava estas mulheres um agente ativo na produção da cultura letrada, propagando novas possibilidades de conceber o universo feminino.

Do mesmo modo pode ser compreendido o relevo e prestígio dados pelos comentadores à obra de Auta de Souza. A integração de sua figura ao ideário de feminilidade, associado ao anjo do lar e requerido pela cultura oitocentista, se deu por uma transposição de significados deste ideário ao anjo

<sup>59</sup> Ibidem, p. 85.

<sup>60</sup> Relato de testemunho é um termo adotado por Valle (1999) para fazer referência à literatura de Primo Levi. Mas, ela mostra como pode ser usado para outros tipos de narrativa de natureza semelhante.

<sup>61</sup> Magli, 1995.

<sup>62</sup> Régner-Bohler, 1994.



místico, como um rearranjo cultural em face da biografia da poeta e do caráter religioso que foi atribuído a muitos de seus escritos.

Assim, a força de coesão que colocou e manteve a representação de Auta de Souza na esfera do sagrado não foi outra senão a do deslocamento e segregação da mulher para o âmbito exclusivo da religiosidade, como se esta fosse um compartimento hermético da cultura, excluído da esfera da política, seja do poder patriarcal ou da própria produção do pensamento.

Em se tratando de uma história cultural das mulheres, em relação ao subjuço feminino pela via da discriminação da mulher no campo da escrita, a cultura do século XIX se aproximaria do medievo, e a recorrente representação de Auta de Souza como uma poeta mística apontaria nesta direção. Se na Idade Média a escrita de algumas mulheres, consideradas místicas, pôde ser aceita, mesmo sob censura, é porque estava amparada pelo poder da Igreja que lhe conferia o estatuto de palavra divina mediada por mulheres que, acima de tudo, eram consideradas esposas de Deus. Já no século XIX, a designação de mística a uma poeta, que não era uma religiosa professa, levanta semelhantes inquietações. Por isso, tratou-se aqui como uma transposição de ideários de feminilidade, tentando mostrar o diálogo entre um conjunto de idéias e valores associados ao anjo do lar e, outro, ao qual denominei anjo místico.

A poeta, como também poder-se-ia pensar das místicas, parece ter assumido tais projeções, mas sua palavra, produto e produtora de sentidos, é a única marca que nos restou de sua afirmação subjetiva enquanto agente ativo de um saber que se expressa também pela direção de seu fluxo imaginário.

Assim, a obra de Auta de Souza, como a das místicas, deveria abrir nossos sentidos para a escuta não somente de um passado imortalizado em recordações de instantes mortos, mas para um passado entendido como aquilo que conseguiu reverberar de novo, uma voz longínqua que encontrou eco no sonho da poeta.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 - A REPÚBLICA. Natal, 8 fev. 1901.
- 2 - \_\_\_\_\_. Auta de Souza. Natal, fev. 1902.
- 3 - AVELINO, Pedro. (Fala em nome do Grêmio Polymathico, no enterro de Auta de Souza). *Oásis*. Edição Especial. Natal, 16 fev. 1901.
- 4 - BACHELARD, Gaston. *Fragmentos de uma poética do fogo*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- 5 - BERNARDES, Maria Tereza Caiuby. *Mulheres de ontem?* Rio de Janeiro: Século XIX; São Paulo: T. A. Queiroz, 1988.
- 6 - \_\_\_\_\_. Escritora anônima. In: MUZART, Zahidé L. (Org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1999. p. 30-4.
- 7 - CASCUDO, Luís da Câmara. *Vida breve de Auta de Souza (1876-1901)*. Recife: Imprensa Universitária, 1961.
- 8 - DUARTE, Constância Lima. *Nísia Floresta: vida e obra*. Natal: UFRN, 1995.
- 9 - \_\_\_\_\_. Apresentação. In: FLORESTA, Nísia. *Cintilações de uma alma brasileira*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC; Florianópolis: Ed. Mulheres, 1997. p. xi-xiii.
- 10 - \_\_\_\_\_. Nísia Floresta Brasileira Augusta. In: MUZART, Zahidé L. (Org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1999. p. 175-81.
- 11 - FERNANDES, O. Duas palavras. *A Tribuna*. Do Congresso Litterario. Rio Grande do Norte, ano 5, Edição Especial, 27 fev. 1901.
- 12 - FERNANDES, Luiz. *A imprensa periódica no Rio Grande do Norte: 1832 a 1908*. 2. ed. Natal: Fundação José Augusto/Sebo Vermelho, 1998.
- 13 - FIGUEIREDO, Jackson. *Auta de Souza*. Rio de Janeiro: Centro Dom Vital/Tip. Do Anuario do Brasil, 1924. (Coleção Eduardo Prado, Série C).



- 14 - GALVÃO, Cláudio Augusto. *A modinha norte-rio-grandense*. Recife: Massangana; Natal: EDUFRN, 2000.
- 15 - GAZETA DO COMMERCIO. *Auta de Souza*. Paraíba, 7 fev. 1902.
- 16 - G., U. *Auta de Souza*. *Potiguarania*, n. 2, 21 jul. 1901.
- 17 - GIORGIO, Michela de. O modelo católico. In: PERROT, Michelle et al. (Org.). *História das mulheres: o século XIX*. Porto: Afrontamento, 1991. p. 198-237.
- 18 - GOMES, Ana Laudelina Ferreira. *Auta de Souza: representações culturais e imaginação poética*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais, São Paulo, 2000.
- 19 - GONÇALVES, Margareth Almeida. *Misticismo e subjetividade em narrativas do feminino em Goa e Rio de Janeiro (séculos XVII e XVIII)*. Rio de Janeiro: Associação dos Cientistas Sociais da Religião do Mercosul/ISER/PPGAS-MN-UFRJ, 21 a 24 set. 1999. Mimeo.
- 20 - HOOCK-DEMARLE, Marie-Claire. Ler e escrever na Alemanha. In: PERROT, Michelle et al. (Org.). *História das mulheres: o século XIX*. Porto: Afrontamento, 1991. p. 170-97.
- 21 - LEÃO, Nalba de Souza. *A obra poética de Auta de Souza*. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) - UFSC, Florianópolis, 1986.
- 22 - LEMOS FILHO. *Oásis*. Edição Especial. Natal, 16 fev. 1901.
- 23 - MAGLI, Ida. *Storia laica delle donne religiose*. Milano: Longanesi & C., 1995. Parte III. Tradução livre de Celeste Ciccaroni. Mimeo.
- 24 - MARINHO, Antonio. *A Tribuna*. Do Congresso Litterario. Rio Grande do Norte, ano 5, Edição Especial, 27 fev. 1901.
- 25 - MUZART, Zahidé L. *Escritoras brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1999.
- 26 - \_\_\_\_\_. Joaquina Meneses de Lacerda. In: MUZART, Zahidé L. *Escritoras brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1999. p. 376-378.
- 27 - \_\_\_\_\_. Júlia da Costa. In: MUZART, Zahidé L. *Escritoras brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1999. p. 401-410.
- 28 - NASCIMENTO, Pedro. Homenagem. *A Tribuna*. Do Congresso Litterario. Rio Grande do Norte, ano 5, Edição Especial, 27 de fev. 1901. p. 29-42.
- 29 - O OITO DE SETEMBRO. *Auta de Souza*. n. 83. Natal, 16 fev. 1901.
- 30 - PAIXÃO, Sylvia Perlingeiro. Narcisa Amália. In: MUZART, Zahidé L. *Escritoras brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1999. p. 534-539.
- 31 - PAZ, Octávio. Poesia e historia: los hijos del limo. In: PAZ, Octávio. *La casa de la presencia*. México: Círculo de Lectores/Fondo de Cultura Económica, 1994. p. 319-496.
- 32 - PERROT, Michelle. Sair. In: PERROT, Michelle (Org.) et al. *História das mulheres no ocidente: o século XIX*. Porto: Afrontamento, 1994. v.4, p. 503-539.
- 33 - PINTO, José. Em busca do além. *A Tribuna*. Do Congresso Litterario. Rio Grande do Norte, ano 5, Edição Especial, 27 fev. 1901.
- 34 - RÉGNIER-BOHLER, Danielle. Vozes literárias, vozes místicas. In: PERROT, Michelle (Org.) et al. *História das mulheres no ocidente: a Idade Média*. Porto: Afrontamento, 1994. v. 2, p. 517-91.
- 35 - REVISTA DO GRÊMIO POLYMATHICO. 8 fev. 1901.
- 36 - SCHUMAHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital (Org.). *Dicionário mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade, biográfico e ilustrado*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.



- 37 - SICUTERI, Roberto. *Lilith: a lua negra*. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1985.
- 38 - SIQUEIRA, Elizabeth Santos et al. *Um discurso feminino possível: pioneiras da imprensa em Pernambuco (1830-1910)*. Recife: Universitária da UFPE, 1995.
- 39 - SLEDZIWSKI, Élisabeth G. A Revolução Francesa. A viragem. In: PERROT, Michelle et al. (Org.). *História das mulheres no ocidente: o século XIX*. Porto: Afrontamento, 1994. v.4, p. 41-57.
- 40 - SOARES, P. Querulas. *A Tribuna*. Do Congresso Litterario. Rio Grande do Norte, ano 5, Edição Especial, 27 fev. 1901.
- 41 - SOUZA, Auta de. *Dhalias*. Manuscrito. (1893-1897).
- 42 - \_\_\_\_\_. *Horto*. Manuscrito. (1898).
- 43 - \_\_\_\_\_. *Horto*. Natal: Tipografia d' A República, Biblioteca do Grêmio Polimático, 1900.
- 44 - \_\_\_\_\_. *Horto*. 2. ed. Paris: Aillaud Alves Cia, 1910.
- 45 - \_\_\_\_\_. *Horto*. 3. ed. Rio de Janeiro: Tipografia Batista de Souza, 1936.
- 46 - \_\_\_\_\_. *Horto*. 4. ed. Natal (RN): Fundação José Augusto, 1970.
- 47 - SOUZA, Eloy. *Memórias*. Natal: Fundação José Augusto, 1975.
- 48 - TELLES, Lígia Fagundes. A mulher escritora e o feminismo no Brasil. In: SHARPE, Peggy (Org.). *Entre resistir e identificar-se: para uma teoria da prática da narrativa brasileira de autoria feminina*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Goiânia: Editora da UFG, 1997. p. 57-63.
- 49 - TELLES, Norma. *Encantações: escritoras e imaginação literária no Brasil, século XIX*. Tese de doutoramento - PUC-SP, São Paulo, 1987.
- 50 - VALLE, Cláudia Netto do. *Sou brasileiro, baiano, pataxó: estudos de brasilidade*. Exame de qualificação (Doutoramento em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais, São Paulo, 1999. Mimeo.
- 51 - VIVEIROS, J. Deificação. *A Tribuna*. Do Congresso Litterario. Rio Grande do Norte, ano 5, Edição Especial, 27 fev. 1901.
- 52 - WOOLF, Virgínia. *Um teto todo seu*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.